

Timaia Nunes

1

Eles falam que não, mas as hidrelétricas eram para estar passando sim nas comunidades, avisando “Olha, nós vamos mandar água... vai subir tanto” pelo menos uma justificativa... Se a chuva não depende deles, pelo menos o controle dela eles têm, não é?

por Márcia Nunes Maciel (Mura)¹

¹ Márcia Nunes Maciel faz parte do Povo Indígena Mura. Possui graduação em História pela Universidade Federal de Rondônia (2001). É mestre em sociedade e Cultura na Amazônia, pela Universidade Federal do Amazonas. Atualmente é doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo - USP, é pesquisadora do Núcleo de Estudos em História Oral/ NEHO - Núcleo de Estudos em História Oral.



Ilustração IV – 1. Timaia Nunes, diretor do projeto Minhas Raízes – projeto de fortalecimento cultural da comunidade. 2. Márcia Mura entrevistadora. Foto: Lucas Nunes Maciel. (Mura) Acervo pesquisa de campo da pesquisa de campo de Márcia Nunes Maciel.

Liderança cultural na comunidade de Nazaré. Após a morte de seu pai conhecido como Manel professor, assumiu a responsabilidade de dar continuidade nas festas tradicionais realizadas durante os festejos de São Sebastião e São Pedro, dentre elas, a dança do Seringador, dança tradicional criada pelos habitantes do Uruapeara – Antigo espaço de seringal no Estado do Amazonas de onde vieram famílias para a comunidade de Nazaré na década de 60 para trabalhar para o mesmo seringalista do seringal de onde estavam vindo. Em Nazaré a dança do Seringador foi retomada por Manel professor juntamente com os mais velhos, por ser uma referencia identitária.

Entrevista realizada dia 22 de Junho de 2014 no pátio da escola construída pelo ESTADO na parte das terras do João Lobato dos Santos, do outro lado do igarapé Correnteza, marco divisor entre o espaço da vila e o espaço ocupado tradicionalmente por João Lobato e seu núcleo familiar, parte dessa área foi requerida pelo ESTADO para a construção da nova vila, tendo em vista que, a atual vila foi destruída pelas enchentes e embora os moradores a estejam reconstruindo por conta própria, tornou-se área de risco. A entrevista foi realizada pela manhã, foi o Timaia Nunes (liderança cultural da comunidade e presidente do

instituto Minhas Raízes, grupo musical que canta a cultura do lugar) quem marcou o local, porque lá tinha silêncio, toda a conversa foi num clima de esforço sentimental para falar de uma experiência dolorida, que foi a enchente vivenciada coletivamente.

Márcia: Então, eu queria que você falasse dessa experiência que vocês vivenciaram aqui em relação a enchente em Nazaré. ²

Timaia: Olha, assim, primeiro É... Acredito que... Pra todo mundo né, isso já foi um fato assim rápido e que nunca visto né? Mas assim, independente disso, quem viu, quem vivenciou esse tempo todinho assim foi assim um descaso muito grande assim. Eu acho assim por parte do poder mesmo, sabe? Porque a comunidade tinha muita coisa que não dependia somente daqui, apesar das suas culturas, do seu jeito de viver já acostumado com a natureza, parte tanto de alimentação e da vivência mesmo, mas tinha coisas que não tem como se não for ter o meio público, né? Então assim, foi muito triste, tipo assim sem saída, né?

O desespero das pessoas, sem perspectiva, sem nenhuma explicação, sabe? As próprias lideranças... Né? Nunca... Eu... Olha! Aqui na escola mesmo, eu vinha direto, eu preferia às vezes mesmo nem vir muito, porque a cada vez que eu vinha o pessoal já imaginava “será que estão querendo desocupar a escola? Tipo assim, “Minha casa está lá, perdida, para onde é que eu vou?”. A gente via o desespero na fisionomia das pessoas, né? Às vezes, eu preferia... Até fui criticado por isso “ não vai na escola e tal...” mas não era por isso, às vezes eu não vinha mais vezes porque eu via isso nas pessoas. Então cada vez que eu vinha aqui, aquele senhor mais de idade “Poxa, Timaia, o que o Pedrão falou, falou alguma coisa como é que vai ficar ou vai subir mais, será?” Sabe aquela dúvida constante que ninguém tinha explicação pra nada? Desde tudo assim, sabe: a água, a cesta básica, isso, aquilo? Sabe, um bando jogado para lá e acabou-se.

Então, foi um negócio assim humilhante, eu achei humilhante e até agora está sendo humilhante, eu não sei se mais para frente vai ser, mas assim, é uma coisa que parece assim, que a gente não tem um fio condutor pra achar pelo menos uma saída, né? Já começa a própria situação de habitação que o pessoal fala que um chega quanto mais outro chega e fica naquele negócio sem explicação. Isso foi no geral, sabe, assim uma coisa que eu vi muito forte, um descaso, um abandono, humilhante para toda

comunidade. Não foi pior porque a comunidade já é habituada a essas enchentes, né? Não desse jeito... Só que essa foi pior, né? Porque a gente vê aí como se presenciou, água contaminada; os poços, todos os que fizeram; eu não sei de alguma maneira, o subsolo, eu não sei, estava contaminado aquele da escolinha, esse daqui, entendeu? Então, assim, a gente vai... A população em geral vai para onde? Parou de chover, aí vem a própria presidente, né, chega e fala que a hidrelétrica não tem nada a ver com isso, isso é coisa que não... poxa!

Mas, assim, referente a aqui dentro, o que eu vi, o que eu senti assim, que a gente..., por exemplo, Eu, graças a Deus eu pude ajudar de alguma maneira, né? O Instituto Minhas Raízes ficou cheio de gente, o próprio hotel ficou cheio de gente, aqui a escola que estava responsável... Mas aonde eu chegava era a mesma coisa, sabe? Essa questão de que para pegar água é muito difícil, a humilhação, para tudo sabe? Até o transporte ficou difícil. Então foi assim uma situação que eu acho o poder público e mais ainda, as hidrelétricas, entendeu? Eles falam que não, mas as hidrelétricas eram para estar passando sim nas comunidades, avisando “Olha, nós vamos mandar água... vai subir tanto” pelo menos uma justificativa... Se a chuva não depende deles, pelo menos o controle dela eles têm, não é? Em São Carlos, chegou até aqui, na época ainda estava funcionando o telefone, o pessoal entraram em pânico lá, alguém falou lá numa reunião que tinha estourado as barragens, e aí, tu vai adivinhar se estourou ou não? Que nem lá, lá não tem telefone perto que nem aqui. O pessoal entraram em pânico, foi terrível lá. Pessoal, dizem, que lotou o bar e tal que não tinha mais... Era gente chorando e ficando para trás, era o pai que estava lá dentro e os filhos lá para baixo, sabe? Foi um negócio terrível... Então assim, essa pressão psicológica foi do começo ao fim. Agora pro final já que começou a secar a água, né, o rio, que parou mais, mas essa pressão era direto, direto. Quando o telefone estava funcionando, então, era terrível, que a gente dormia preocupado, sabe? E as pessoas que... Acima disso ainda essa pressão, né? E foi um negócio assim que vai marcar na história, isso dá para fazer um livro, sabe, de tudo o que aconteceu, de tudo o que a comunidade, a gente passou, que a gente na realidade tem muitos parentes. E a gente já passou por algumas enchentes também e essa assim, não foi tanto o fator hidrográfico, mas fatores sociais mesmo, o descaso, sabe, que eu acho que o pessoal fala em desenvolvimento, desenvolvimento... Mas esse desenvolvimento aí acho que era para de alguma forma melhorar a condição de vida das pessoas, porque na realidade aqui você sabe que já é quase centenário e as pessoas estão

aprendendo, né, agora aprendendo a viver, a ter uma qualidade de vida melhor, né? Mas isso aí foi um choque muito grande, né? Ter que aprender a viver de novo, né?

Márcia: Em relação à questão mesmo do meio ambiente, o que tu percebeu assim de perdas, já que essas perdas de moradia, materiais e também perdas emocionais, também, né, afetivas foram grandes em relação à questão das árvores, dos animais, da floresta você percebeu alguma, alguma modificação?

Timaia: Olha, assim, do início morreu muito animal, não sei se tu soube. Até coisa assim mais confidencial, né?

Márcia: Bom, eu vou pedir depois a autorização para utilizar, se você achar que tem coisas que não pode ser falada você pode dizer.

Timaia: Não, eu digo assim. Não, porque o que eu vou falar aqui é um negócio... Eu posso falar?

Márcia: Pode...

Timaia: Porque assim, no início, o pessoal, aqui mesmo na escola, né, eu vi, mataram muitos animais, morrendo mesmo, morrendo. Veado e tal não foi pouco não, tá? Cem, cinquenta... Assim... Onde tinha terra firme, as pontas que nunca tinha alagado, onde era esconderijo, habitat dos animais, pessoal fala que, aqueles montes de cotias em cima dos montinhos de terra.., e o pessoal matava mesmo, né? Mataram tanto que chegou um ponto que não queriam mais porque o bicho não se alimentava mais e não tinha mais gosto. Com certeza a população de animais, algumas partes, né, os que conseguiram se salvar, tem uns poucos aí, né? Mas aí o outro lado também, a gente percebeu que - eu não sei, não tenho explicação científica com certeza, né? – Mas essa água, essas águas estão contaminadas, isso tudo, acho que de alguma maneira afetou essas árvores que tem árvore que não morre, cara, com a enchente, você passa por aí... Distante, vejo na mata, pergunta do Mandúca para essas pessoas mais antigas que eles vão te dizer a mesma coisa, tem árvores que não morriam e morreram, tudo seca, tudo esquisita, sabe, fica assim uma floresta feia, sabe? Essa foi uma mudança que eu vi, assim, uma coisa muito forte, sabe? Eu tiro lá pelo sitiozinho do meu sogro, lá em casa também, algumas árvores que morreram. O açai, o açazeiro é uma fruta que não morre fácil, só se cobrir,

né, e morreram, entendeu, mesmo sem cobrir. Então, e os animais, né, os peixes, não foi só lá quando estava cheio. Com certeza a água está contaminada e agora está morrendo também. Então tudo isso é uma coisa que ainda mete medo nas pessoas. Vou pegar um peixe, né, contaminado? Será que... Apesar da gente comer ainda mas a gente tem aquele receio de que ninguém sabe agora, quem sabe mais para frente. Mas é uma coisa que... Mudou também, né?

Fora as perdas totais do pessoal, né, de quem foi diretamente afetado. Teve gente que quando a água estava saindo tava plantando melancia demora lá vem de novo, foi tudo pro fundo...

Márcia: Foram dois meses de enchentes?

Timaia: Dois? Acho que foi mais, não foi não? Foi uns três ou quatro meses... Foi, foi.

Márcia: Ah, sim... Em qual mês começou?

Timaia: Olha... Fim de fevereiro já estava cheio para caramba já. Foi bem mais. Foi custoso demais, esse negócio foi...

Eu sei que em abril foi que estava aquela correria. Em abril foi aquele... Sabe aquela pressão...

Márcia: Acabou já agora em começo de junho que acabou? Ou final de maio?

Timaia: Foi. Assim, em meados de maio começou a secar bem, o pessoal já começaram a ficar mais tranquilos, né?

Uhum...

Custou, né? Eu sei que aqui nessa escola aqui, era muito triste eu vir aqui, estou te falando, algumas vezes eu me emocionei aqui com as pessoas aqui, triste mesmo... Quem é acostumado a trabalhar no pesado, né, faz uso da Varzea né, ver as suas coisas todas perdidas, que não tem como recomeçar... Cara, eu ficava pensando assim, o que passa na cabeça desse pessoal, né? Sentadinho aqui, o dia todinho, sem poder, sabe? Foi muito triste, agonizante...

E... Problema de energia, essas coisas todas, porque se tivesse energia a água funcionaria, tinha uma água pelo menos para eles, mas nem isso, o fogo não funcionava

que o motor não aguentava... Nossa, foi... É por isso que às vezes eu fico pensando... Tanto dinheiro, tanto recurso que o governo tem, né, e gastos por aí, né, a Copa mesmo, não é? E não tem uma explicação, a população não é grande, né, não foi tanta gente assim, poxa, para deixar pelo menos num cantinho com o que é de direito das pessoas, né, pelo menos uma condição de vida... Não tem! Não tem uma explicação, não teve ninguém que pelo menos, sabe? É, é muito...

E ainda ter que aturar ainda as pessoas falando que aqui não tem futuro, né? É complicado...

O pessoal do Estado. Quem é que fala que aqui não tem futuro?

Não, quem fala que aqui não tem futuro são o pessoal de fora, né, a população urbana mais assim de outros... Eu digo porque eu já ouvi algumas coisas na festa da melancia em outros tempos, né, falando uma coisa desse tipo. Mas assim, o poder público mesmo, a defesa civil, o pessoal... Eu sinceramente não acredito nesse pessoal mas não, eles já falaram muita besteira, já falaram muita coisa, muita mentira, sabe? Inclusive, grande, aliás, boa parte da pressão psicológica que teve durante essa enchente, boa parte era eles, por conta deles, sabe? Aquela parte lá Márcia, não foi só uma ou duas vezes não, aquela parte onde a gente está lá, que não alagou, que se sobe ali uns oitenta centímetros a gente ia para o fundo. Eles chegavam, toda viagem que eles vinham eles falavam "Gente, vocês vão embora daqui, que isso aqui vai subir um metro e meio para cima!". Tu já pensou? Eles sabem, eles ficavam fazendo essa pressão, sabe? Soltaram não sei quantas águas lá, metros de água... Aí comunidade, sabe como é, que aqui é pequeno, né? Demora para a água....

Eles foram... Aqui na escola, está ali, ó, desligado, bebedouro desligado, desligaram a fiação, levaram, não sei, se responsabilizaram, levaram fio, sabe, fizeram baderna, eles, sabe, foi um pessoal muito... Aquele pessoal da Força Nacional, pergunta para as meninas que elas ficavam mais perto aqui... Mandaram um soldado para cá, um pessoal e o banheiro está lá sujo até agora, eu cheguei aqui, eles colocaram o motor lá dentro do banheiro, está lá todo sujo de diesel, que ele evapora, né? E eu mandei tirar, colocar para outro canto. Só ficava o dia todinho sentado aqui assistindo televisão e querendo pegar as meninazinhas ainda. O pessoal estava até puto já que eles ficavam fumando por aqui, bebendo, entendeu? Só para isso, né, tanta gente precisando para fazer uma mudança, um negócio e tal e eles bem por aqui andando, isso não era autorizado e não sei o quê. Então assim, poder público que era para ajudar, né, foi o contrário, foi para

atrapalhar... Veio foi para...

Esses que estão vindo para aqui agora, eles falam que, né, que... Eu também só acredito quando eu ver isso documentando, né, e acontecendo mesmo, sobre essas terras... É o ICEMBIO que fala uma coisa, é o INCRA que fala outra, o governo que fala outra que cria uma expectativa, né? E ninguém tem resposta para nada. É que nem os mais antigos falavam, várias vezes falaram “Timaia, esse pessoal aí para nós, eles nem existe, nós vamos voltar para nossa casa mesmo, vamos limpar nossa casinha, que isso aí eu sei que vai acontecer”. Eles falava desse jeito do pessoal. E pelo jeito...

8

Márcia: É... difícil, né? Pois é... É essa entrevista, ela pode ser utilizada? porque eu estava pensando em utilizar ela para o programa “Vozes da Amazônia” que a gente faz na rádio Caiari todos os domingos das nove às dez e meia que é um programa que a gente chama de observatório dos direitos humanos, que é justamente onde a gente coloca essas realidades onde esses direitos humanos estão sendo desrespeitados por conta das consequências dos projetos desenvolvimentistas que trazem, né, em vez de trazer o tal do desenvolvimento que eles dizem que vão trazer, traz é destruição para as comunidades, como a gente está vendo aqui em Nazaré, Nazaré está destruída...

Timaia: Destruída...

Márcia: Está destruída.

Timaia: Destruída sim... Nunca, nunca...

Márcia: E compartilhando, então, a fala também que eu fiz lá com outras famílias ali para frente, né? Aí você resolve se você autoriza ou não o uso...

Timaia: Tranquilo para mim. Foi bem isso mesmo, o que a gente passou, né. O que todo mundo passou aqui, é uma coisa que... Eu acho que, o certo a gente sabe que seria a mobilização e tal, mas isso já é coisa cultural, né, a gente não aprendeu a fazer isso ainda, né? Mas pelo menos desabafar de alguma maneira é bom, né? Para gente conversar, de repente eu tinha ouvido lá, eu acho que é esse papel que vocês estão fazendo, né, de divulgar, porque se tu passar, qualquer pessoa que tu passar aqui, eles vão falar numa boca só, que o impacto, eles vão associar com certeza às hidrelétricas, não tem jeito...

Então você autoriza o uso?

Com certeza, com certeza...

Então tá, tem mais alguma coisa que tu gostaria de falar?

Tinha, mas até esqueci agora. Na hora que tu tava falando assim, eu me lembrei de uma coisa. Mas aí eu... Mas tranquilo... Se eu lembrar...

Está certo.

